

II SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA:

da educação adaptativa a prática colaborativa

22 a 26 de setembro de 2025, na Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó, SC

PRÁTICAS (IM)POSSIBILITADORAS NA ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Jaíne Lorivânia Neckel da Silva¹

Maiara Vieira da Silva²

Claudia Simone Fantin³

A trajetória profissional de educadores é moldada pelas experiências vivenciadas no processo de ensino-aprendizagem e pela busca constante por novos conhecimentos. Isso se torna ainda mais significativo quando se trata de promover a inclusão de estudantes com deficiência intelectual em processos pedagógicos significativos e socialmente contextualizados.

Esta pesquisa delimita-se ao campo da educação inclusiva, com ênfase na alfabetização de crianças com deficiência intelectual — uma área que exige práticas pedagógicas adaptadas e sensíveis às necessidades específicas de cada aluno. Não basta apenas a presença física na sala de aula: é necessário garantir que o direito de aprender seja efetivamente acessado por meio de práticas pedagógicas intencionais, mediadas e alinhadas ao desenvolvimento de cada sujeito.

A inquietação com a alfabetização dessas crianças emerge tanto das vivências acadêmicas quanto da prática docente cotidiana, manifestando-se em reflexões críticas sobre quais estratégias são realmente eficazes. Nesse sentido, surgem questões essenciais: como os professores podem superar os desafios e promover uma aprendizagem significativa? Que tipo de formação e suporte são necessários para garantir o acesso ao conhecimento por estudantes com deficiência intelectual?

O objetivo central deste estudo é compreender os principais desafios enfrentados por educadores na implementação de práticas pedagógicas inclusivas, analisando as estratégias que favorecem uma aprendizagem significativa para estudantes com deficiência intelectual. Como

¹ Unoesc, jaine.neckel@unoesc.edu.br

² Unoesc, maiara.vieira@unoesc.edu.br

³ Unoesc, claudia.f@unoesc.edu.br



Cursos de Educação
Especial Inclusiva –
Segunda Licenciatura



II SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA:

da educação adaptativa a prática colaborativa

22 a 26 de setembro de 2025, na Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó, SC

reforça Fontana (2018), a mediação pedagógica é um processo intencional, no qual o educador amplia as possibilidades de desenvolvimento por meio da escuta, da sensibilidade e da criação de situações didáticas desafiadoras e contextualizadas.

A fundamentação teórica parte dos aportes da Teoria Histórico-Cultural, especialmente das contribuições de Lev S. Vigotski e Alexander Luria. Para Vigotski (1997), o fator decisivo no desenvolvimento de crianças com deficiência não é o defeito orgânico, mas suas consequências sociais. Assim, o foco desloca-se da limitação para as possibilidades de reorganização funcional e de inserção ativa na cultura.

Ao mesmo tempo, Luria (1981) amplia esse entendimento ao afirmar que os processos mentais superiores não são inatos, mas moldados historicamente pelas experiências sociais e pelas práticas educativas às quais o sujeito é exposto. A educação, portanto, é uma das ferramentas mais poderosas para reorganizar as funções psíquicas, promover a autonomia e expandir as potencialidades cognitivas de crianças com deficiência intelectual. Como enfatiza Luria (1988, p. 76), “a escrita abre portas para formas superiores de pensamento, atuando como um mecanismo simbólico que transcende a simples decodificação de palavras”.

Compreender o desenvolvimento da linguagem como elemento central da alfabetização é, portanto, fundamental na construção de práticas inclusivas. Para Vigotski (1991), a linguagem é mais do que um instrumento de comunicação — ela é estruturante do pensamento e das funções psicológicas superiores. Essa concepção é especialmente relevante no caso de crianças com deficiência intelectual, pois a mediação linguística, quando bem conduzida, pode romper barreiras cognitivas e possibilitar avanços significativos no desenvolvimento.

Segundo Vigotski (1988), a ZDP é a distância entre aquilo que a criança consegue fazer sozinha e aquilo que pode fazer com o auxílio de um adulto ou de um par mais experiente. Essa noção destaca o papel ativo do professor na construção das condições para que o aluno avance em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

A alfabetização, nessa perspectiva, não pode ser reduzida a um processo mecânico ou repetitivo. Ela deve ser compreendida como prática social e cultural, que se constrói no diálogo com o outro, com o mundo e com os signos da cultura escrita. Como destaca Gontijo (2004, p.



Cursos de Educação
Especial Inclusiva –
Segunda Licenciatura



II SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA:

da educação adaptativa a prática colaborativa

22 a 26 de setembro de 2025, na Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó, SC

56), “a alfabetização é um processo de significação e não apenas de codificação; é fundamental que o educador propicie experiências que permitam à criança compreender a relação entre os signos e os significados que eles veiculam”.

Essa compreensão requer do professor uma atuação intencional, planejada e sensível. Ele deve ser capaz de reconhecer as potencialidades dos alunos com deficiência intelectual e construir, com eles, percursos possíveis de aprendizagem. Como destaca Fontana (2020), “a mediação pedagógica implica acolhimento, escuta e criação de situações didáticas desafiadoras e contextualizadas”.

Além disso, a escola deve ser compreendida como espaço de pertencimento e construção de vínculos. Mais do que transmissora de conteúdos, ela precisa ser um lugar de convivência e reconhecimento das diferenças. Conforme aponta Rocha (2022), o currículo deve ser dialógico e flexível, capaz de acolher as singularidades dos sujeitos e promover o acesso ao conhecimento de forma equitativa.

No âmbito prático, a adoção de estratégias como o uso de materiais visuais, contação de histórias, jogos educativos e atividades sensoriais favorece a aprendizagem de estudantes com deficiência intelectual, ao proporcionar estímulos concretos e significativos. A personalização do ensino, por meio de planos pedagógicos individualizados, é igualmente essencial para contemplar as necessidades específicas de cada educando. Conforme destaca Mantoan (2006), a educação inclusiva requer práticas pedagógicas flexíveis e adaptáveis, que assegurem o acesso ao currículo e promovam o desenvolvimento das potencialidades de todos os alunos.

Nesse cenário, a mediação docente emerge como eixo central. Como afirma Pletsch (2009, p. 77), “a mediação docente é o eixo que viabiliza o acesso ao conhecimento, especialmente quando esse conhecimento não é acessível por vias diretas”. Essa mediação exige do professor sensibilidade, escuta, planejamento e disposição para construir novos caminhos junto ao aluno. Ela também exige rupturas com modelos tradicionais e homogeneizadores de ensino, abrindo espaço para o acolhimento da diversidade e da complexidade do ato de aprender.

Segundo Soares (2003), a alfabetização não deve se limitar à decodificação de letras e palavras, mas incluir práticas que conectem a leitura e a escrita às vivências cotidianas do aluno,



Cursos de Educação
Especial Inclusiva –
Segunda Licenciatura



Curso de
Pedagogia



Programa de
Pós-Graduação
em Educação



II SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA:

da educação adaptativa a prática colaborativa

22 a 26 de setembro de 2025, na Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó, SC

ampliando seu repertório cultural e social. Assim, é necessário que a alfabetização ultrapasse o ensino mecânico, integrando-se à realidade do educando. Ao integrar os conceitos de alfabetização e letramento discutidos por Soares (2003), Fontana e Mortatti (2006), é possível construir práticas pedagógicas inclusivas que valorizem o aluno com DI como um sujeito capaz de aprender e de participar ativamente na sociedade.

Nesse sentido, a alfabetização de alunos com deficiência intelectual deve ser compreendida como um processo que requer estratégias diversificadas e sensíveis às diferentes formas de aprender. Conforme aponta Mortatti (2008), os métodos de alfabetização não devem ser tomados como receitas prontas, mas adaptados às realidades concretas dos sujeitos. Especialmente no caso de estudantes com deficiência intelectual, é essencial que os conteúdos estejam conectados às experiências significativas da vida cotidiana, de forma que a leitura e a escrita façam sentido no contexto em que vivem.

Além disso, a escola inclusiva precisa articular diferentes saberes e envolver toda a comunidade escolar no processo de alfabetização. Como destaca Mantoan (2011), a inclusão não é tarefa exclusiva do professor de apoio ou do AEE, mas uma responsabilidade coletiva, que exige compromisso da gestão escolar, dos professores regentes, das famílias e de todos os que atuam no cotidiano educativo. A construção de um currículo acessível, flexível e dialogado depende desse envolvimento coletivo e do reconhecimento de que todos os alunos têm o direito de aprender e de participar ativamente da vida escolar.

Por fim, é importante destacar que o desenvolvimento de uma prática pedagógica verdadeiramente inclusiva requer formação docente contínua, crítica e reflexiva. Os desafios enfrentados pelos professores, como a falta de preparo inicial, a ausência de apoio institucional ou a sobrecarga de tarefas, não podem ser ignorados. Como revela a pesquisa analisada, investir na formação docente é condição indispensável para transformar a escola em um espaço de acolhimento, pertencimento e emancipação. A alfabetização de crianças com deficiência intelectual, nesse sentido, é mais do que uma tarefa pedagógica: é um compromisso ético com a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática.

Palavras-chave: prática pedagógica. Deficiência intelectual. Alfabetização.



Cursos de Educação
Especial Inclusiva –
Segunda Licenciatura



Curso de
Pedagogia



Programa de
Pós-Graduação
em Educação



II SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA:

da educação adaptativa a prática colaborativa

22 a 26 de setembro de 2025, na Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó, SC

REFERÊNCIAS:

- BARROS, Maria Sílvia. **Alfabetização e deficiência intelectual: possibilidades de inclusão a partir de práticas mediadas**. São Paulo: Cortez, 2020.
- CARVALHO, Fernanda Beatriz da Costa Miranda de. **Formação Docente a Partir de um Manual Pedagógico Ilustrado para Gamificação de Atividades como Estratégia na Alfabetização Inclusiva**. 2018. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2018.
- FONTANA, Roseli. **Aprender e ensinar na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2007.
- FONTANA, Roselei. **Educação e desenvolvimento na perspectiva histórico-cultural: mediação, aprendizagem e inclusão**. Curitiba: Appris, 2018.
- GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **Alfabetização e linguagem: uma proposta dialógica para o ensino da leitura e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LURIA, Alexander Romanovich. O papel da linguagem no desenvolvimento dos processos psicológicos. In: LURIA, Alexander Romanovich; et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1979.
- LURIA, Alexander Romanovich. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O lugar da diferença na escola inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Educação inclusiva: em construção**. Campinas: Autores Associados, 2011.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2008.
- PLETSCH, Márcia Denise. **Inclusão escolar e práticas pedagógicas: desafios da formação de professores**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.
- PINO, Angel Pino Sirgado. **Vigotski e a educação: o processo de construção do conhecimento**. São Paulo: Loyola, 2005.
- PRESTES, Zoia Prestes. **Vigotski e a infância: interações entre desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 2010.
- ROCHA, Gustavo Tavares Rocha. **Currículo e deficiência intelectual: caminhos para uma escola acessível**. Salvador: EDUFBA, 2022.
- SANTOS, Maria Auxiliadora dos. **Aprender com o outro: alfabetização e inclusão escolar**. Recife: EdUFPE, 2016.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, Lev Semionovitch; LURIA, Alexander R.; LEONTIEV, Alexey N.



Cursos de Educação
Especial Inclusiva –
Segunda Licenciatura



II SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA:

da educação adaptativa a prática colaborativa

22 a 26 de setembro de 2025, na Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó, SC

Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Tradução de Maria da Pena Villalobos. 12. ed. São Paulo: Ícone, 2014.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 21–44, jul. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200002>. Acesso em 01 maio/25.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. Obras escogidas. **Problemas del desarrollo de la psique**. Tomo III. Madrid: Visor, 1995.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch . **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos mentais superiores**. Tradução de José Cipolla Neto *et al.* 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. **Obras escogidas**. Madrid: Visor, 1996. V. IV.



Cursos de Educação
Especial Inclusiva –
Segunda Licenciatura

